

Uma análise foucaultiana dos discursos de Luiz Henrique Mandetta e Jair M. Bolsonaro sobre a crise do novo coronavírus no Brasil¹

Thiago de Oliveira²
Ariane Carla Pereira³

Universidade Estadual do Centro Oeste, Guarapuava, PR

RESUMO

As formas usadas para gerir a crise resultante do coronavírus não são espontâneas. Diante disso, propôs-se uma investigação com bases foucaultianas que desse conta de uma análise discursiva com suporte na biopolítica, no poder disciplinar e na arqueogenealogia para evidenciar as práticas de governamentalidade e condução de condutas e demais condições existentes no tempo presente. O racismo de Estado em Bolsonaro, o saber-poder científico em Mandetta e a condução de condutas pelo jornalismo expressam um pouco da governamentalidade contemporânea.

PALAVRAS-CHAVE: Jornalismo; Governamentalidade; Condução de condutas; Biopolítica; Covid-19

INTRODUÇÃO

Em 11 de março de 2020, a Organização Mundial da Saúde (OMS) elevou o coronavírus ao status de pandemia. Essa classificação, além de ir de acordo com as definições científicas, foi feita para que os países tomassem atitudes preventivas mais sólidas no combate à disseminação da Covid-19. Em alguns países, porém, os efeitos devastadores foram mais ou menos sentidos, dependendo da agilidade de seus governantes para propor, aprovar e adotar políticas públicas para conter o avanço da doença.

No Brasil, o primeiro caso confirmado de coronavírus data de 26 de fevereiro. Época em que países da Europa começavam a viver picos de contágio e mortes decorrentes da doença, tinham hospitais e UTIs (Unidades de Terapia Intensiva) lotados

¹ Trabalho apresentado na DT 1 – Jornalismo do 22º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 8 a 10 de junho de 2023.

² Graduando do Curso de Jornalismo da Unicentro, email: thiagodeoliveirajor@gmail.com.

³ Prof. Orientadora. Dra. Em Comunicação e Cultura pela UFRJ, professora do curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Centro Oeste (Unicentro), email: ariane_carla@uol.com.br

e iniciavam períodos de isolamento social, com quarentena obrigatória e fechamento total de escolas e comércios, por exemplo, como tentativa de frear o vírus. Ainda assim, a assimilação dos efeitos destruidores em termos de saúde pública da Covid-19 não era uniforme nos distintos setores do governo federal. Dessa maneira, nas semanas seguintes, os brasileiros passaram a assistir a uma guerra de narrativas entre o presidente do país, Jair Bolsonaro, e o então ministro da Saúde, Luiz Henrique Mandetta.

METODOLOGIA

Quanto ao método, nos apoiaremos na proposta foucaultiana do diagnóstico do presente. Ou seja, adentrar-se-á o que está posto, dado e enunciado, e, como um diagnosticador que faz indicar a doença segundo seus sintomas, procuraremos as rupturas, as falhas e as instabilidades que mexem com o solo discursivo analisado que, muitas vezes, é visto como imóvel por seu caráter imediato. Através do que Foucault vai definir como jornalismo filosófico ou como prática filosófica da atualidade, intentamos não descobrir verdades ocultas, mas “tornar visível exatamente o que já está visível” (ARTIÈRES, 2004, p.15).

Ou seja, fazer aparecer o que está tão próximo, tão imediato, o que está tão intimamente ligado a nós mesmos que, em função disso, não o percebemos. Enquanto o papel da ciência é fazer conhecer aquilo que não vemos, o papel da Filosofia é fazer ver aquilo que vemos. (FOUCAULT, 2006, p. 44)

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Os objetos de investigação passaram por gestos de leitura mediados pelos óculos teóricos propostos por Michel Foucault, em especial pelos conceitos de governamentalidade, condução de condutas, disciplinarização dos corpos e normalização das populações. Noções teóricas que nos permitirão cumprir nossos objetivos com este estudo. Isto é, compreender o que envolve os discursos de Bolsonaro, Mandetta e os veículos jornalísticos bem como a forma como esses diferentes atores abordaram a crise do coronavírus a partir dos pronunciamentos e entrevistas coletivas de Bolsonaro e Mandetta; evidenciar como os três buscam, em seus discursos, conduzir a conduta dos

brasileiros em meio à pandemia de Covid-19 e se esses direcionamentos, efetivamente, são divergentes entre si; analisar como se dão as tentativas de disciplinarização dos corpos e de normalização das populações no enfrentamento à doença e ao vírus.

A ontologia do presente, proposta por Foucault, configura-se como uma crítica da realidade, da sujeição e da dominação, do poder e da subjetivação que se inserem na sociedade biopolítica, surgida com a modernidade. A pesquisa que se propõe foucaultiana não tem para onde olhar senão para onde os olhos possam e necessitam ver.

Observamos que, nesse sentido, surgia, em meados de março de 2020, uma dessas erupções que é difícil ter-se dimensão logo de cara. Como é de se esperar em uma sociedade normalizada, as mais diferentes instituições, que são balizadas pelo saber, começaram a desempenhar um papel na condução das condutas dos indivíduos em relação ao novo coronavírus. Os acontecimentos foram pouco a pouco tomando o horizonte e inclinando-nos a uma análise mais detalhada. Olhos atentos, estetoscópio em posse e consulta iniciada, o diagnóstico preliminar apontou que era caso de cirurgia. Cá estamos, com o bisturi na mão, prontos para: a) rasgar a pele que cobre o problema, b) deslocá-lo e c) analisá-lo. Buscando cumprir a missão do intelectual, esta pesquisa honra não só o método foucaultiano, mas sobretudo a função social do jornalista.

Dessa forma, fundamentamos, então, o interesse pessoal e público para a realização do trabalho aqui empreendido: a atitude individual, de incômodo e curiosidade com um fato que acontece diante de nós; e a atitude coletiva, de projeção de uma contribuição social futura, possibilitada pelo programa a qual esta iniciação científica pertence. Unindo o útil (a possibilidade de uma atuação científica frente a uma situação que exige exames mais profundos) ao agradável (a curiosidade pessoal, que não deixa de ter cunho filosófico uma vez que essa curiosidade só foi despertada pelos contatos anteriores com a obra de Michel Foucault), constrói-se o presente estudo.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cálculo de Bolsonaro: o que vale mais, a economia ou a vida?

Ao contrário do poder régio, em que o soberano tinha ascendência direta sobre a vida do indivíduo, e que consistia em fazer morrer, no Estado Moderno vê-se o surgimento de uma nova configuração *do* e *no* exercício do poder; e o governante passa a ter a incumbência de *fazer viver*. Foucault defende essa tese e a coloca como um dos elementos centrais do que ele chama de *biopolítica*, uma estratégia de poder que cresce junto ao liberalismo (2008). No íterim entre fazer viver e deixar morrer, há um elemento foucaultiano vital para nossa análise: o racismo de estado — que não tem o mesmo significado do que comumente damos ao racismo. O racismo de estado é um dispositivo repressivo utilizado pelo estado para preterir uns em favor de outros na hora de governar populações. Esse dispositivo é acionado nos discursos de Bolsonaro em que este contrapõe vida e manutenção da rotina (indo contra às orientações de lockdown); e vida e economia. Um exemplo está no pronunciamento feito pelo presidente no dia 24 de março de 2020. "O que se passa no mundo tem mostrado que o grupo de risco é o das pessoas acima de 60 anos. Então, por que fechar escolas?"⁴.

O mesmo *modus operandi* é acionado em outra declaração do presidente, de 10 de novembro de 2020, quando o país somava 163 mil mortos. Nesse momento, o imperativo, para Bolsonaro, era a preservação da economia e, para isso, sua recomendação é seguir a vida: "Tudo agora é pandemia, tem que acabar com esse negócio. Lamento os mortos, lamento. Todos nós vamos morrer um dia, aqui todo mundo vai morrer. Não adianta fugir disso, fugir da realidade. Tem que deixar de ser um país de maricas"⁵.

Dessa forma, o racismo de estado é praticado quando Bolsonaro escolhe um grupo para deixar morrer — o dos trabalhadores, que devem sair de casa para manter a economia girando — através da fragmentação do corpo social. Há em seus discursos uma forte tendência em tratar as mortes por Covid-19 como inevitáveis — seja porque as vítimas possuíam comorbidade, seja porque eram idosas. O presidente também fundamenta seu discurso na ideia de que é preciso ser forte e passar por cima das perdas, contrapondo-se aos "maricas". Quando o presidente diz que "No meu caso particular, pelo meu histórico de atleta, caso fosse contaminado pelo vírus, não precisaria me preocupar", como

⁴ Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/em-pronunciamento-na-tv-bolsonaro-pede-reabertura-de-comercio-escolas-fim-do-confinamento-24326199>, acesso em 05 de agosto de 2021.

⁵ Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/tem-que-deixar-de-ser-um-pais-de-maricas-diz-bolsonaro-sobre-covid-19-1-24739111>, acesso em 05 de agosto de 2021.

enunciado no discurso de 24 de março de 2020⁶, a condução de condutas a ser inscrita só pode ser a de separar os saudáveis dos não-saudáveis para, no futuro, acirrar essa retórica segregacionista.

[...] o racismo de Estado cumpre duas funções principais: primeiramente, fragmenta o “contínuo biológico”, dividindo-o em raças de acordo com uma determinada hierarquia; em segundo lugar faz atuar a antiga relação guerreira (“se você quiser viver é preciso que o outro morra”) de uma forma inteiramente nova e compatível com o exercício do biopoder. (BERNARDES, 2013, p. 71)

Nas falas de Bolsonaro, então, há uma dicotomização da vida. Morrem aqueles que não são fortes o suficiente para resistir à “gripezinha”, como ele afirmou em fala de 20 de março de 2020⁷; e sobrevivem os saudáveis, os fortes, os que podem continuar a contribuir com a economia. E, se nesse percurso, alguns morrerem mesmo sendo saudáveis, não há problema porque todo mundo morre um dia. Nesse sentido, Bolsonaro joga não só com a vida, mas também com as probabilidades. As mortes compensariam a manutenção da economia. Assim, ao fazer esse cálculo — quantas mortes podemos aceitar para que a economia não padeça?, o presidente, embora seja conservador nas pautas de costumes, se alinha ao (neo)liberalismo econômico — uma forma de governar baseada nas estratégias matemáticas, em que a população é levada a agir pensando-se livre, mas decidindo de acordo com os preceitos de quem governa - ou seja, condução de condutas.

A partir disso, em um primeiro momento, a condução de condutas empreendida por Bolsonaro precisa, grosso modo, da disseminação de vontades de verdade, tais como minimizar as mortes, desqualificar as instituições que poderiam atrapalhar seu empreendimento (OMS e a imprensa, por exemplo), tratar o vírus como inofensivo para quem não tem está no grupo de risco, trazer o valor do trabalho à tona, entre outras. Assim, centenas de milhares de pessoas são o custo da fruição do mercado, da economia.

Mandetta: entre Bolsonaro e o ministério

⁶ Disponível em <https://oglobo.globo.com/sociedade/quem-tem-bom-preparo-nao-tem-que-se-preocupar-com-covid-19-diz-bolsonaro-24620080>, acesso em 05 de agosto de 2021

⁷ Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,depois-da-facada-nao-vai-ser-uma-gripezinha-que-vai-me-derrubar-diz-bolsonaro-sobre-coronavirus,70003241955>, acesso em 05 de agosto de 2021.

Há dois eixos em que é possível centrar a análise dos discursos de Luiz Henrique Mandetta no período tratado. O primeiro diz respeito ao embate com Bolsonaro; o segundo é o saber-poder científico empreendido por Mandetta no comando do Ministério.

O motivo do enfrentamento entre Mandetta e Bolsonaro foi a discordância sobre a gestão da crise pandêmica. A governamentalidade em Bolsonaro é caracterizada pelo já citado racismo de estado e o *deixar morrer*, além de elementos que denotam um desprezo pelo saber científico. O saber em Bolsonaro é aquele que se insurge contra o conhecimento estabelecido, mas não de forma a desconstruir um mecanismo de poder e melhorá-lo, pois Bolsonaro faz isso de maneira conspiratória ou até mesmo falsa. Observamos, no pronunciamento do dia 24 de março de 2020, essa abordagem de Bolsonaro, repercutida pelo jornal Gazeta do Povo:

O presidente culpou a imprensa que, segundo ele, espalhou "sensação de pavor" e criticou governadores e prefeitos ao comentar medidas de isolamento social adotadas em diversos pontos do país para evitar a propagação da doença. Em sua fala de cerca de 4 minutos, Bolsonaro cobrou o fim "da proibição de transportes, o fechamento de comércio e o confinamento em massa" e afirmou: "devemos, sim, voltar à normalidade".⁸

Já a forma com que Mandetta usou as tecnologias de controle de populações e disciplinarização dos corpos baseou-se no saber-poder científico. A ascensão da sociedade moderna, que fez com que formas institucionais de regulação das populações fossem cada vez mais presentes, tornou a ciência um dos meios de atingir esse controle. A ciência, ao passo que possui legitimidade balizada, é usada como instrumento de controle na sociedade biopolítica. Mandetta, em oposição a Bolsonaro, é o ator do *fazer viver*. A grosso modo, essas são as diferenças fundamentais entre esses dois atores e os motivos pela guerra narrativa entre eles. Em matéria de O Estado de S. Paulo, publicada em 28 de março de 2021, evidencia-se essa tensão entre os dois:

O ministro da Saúde Luiz Henrique Mandetta afirmou neste sábado, 28, que as ações da pasta no combate ao novo coronavírus vão se nortear pela ciência. Com isso, contrapôs declarações feitas pelo presidente Jair Bolsonaro mesmo sem citá-lo diretamente. Enquanto entidades da saúde criticam a postura de

⁸ Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/breves/bolsonaro-pronunciamento-teve-coronavirus/>, acesso em 11/08/2021.

Bolsonaro, Mandetta afirma que está com os "cabeças brancas da medicina no ouvido" para tomar as decisões.⁹

Essa fala do ministro acontece quatro dias depois de um pronunciamento do presidente em cadeia nacional. Nele, Bolsonaro defende o isolamento vertical, insiste na cloroquina e chama de histeria as preocupações com a pandemia. As palavras de Mandetta em oposição às de Bolsonaro são, talvez, o principal exemplo que temos para constatar a desarmonia entre Governo Federal e Ministério da Saúde nesse período; e, conseqüentemente, dar fundamento à tese que propomos: enquanto Bolsonaro navegava por mares negacionistas, o Ministério da Saúde remava para tentar agir de maneira autônoma. Mandetta encontrava-se no meio deles. Para agir, necessitava da aprovação de outras instâncias de poder.

Limitado pelo cálculo de Bolsonaro, o ex-ministro estava envolto em uma “diplomacia infinita de rivalidades que são naturalmente igualitárias” (FOUCAULT, 2010, p. 78). Em outras palavras, as rivalidades discursivas entre Bolsonaro e Mandetta provinham de uma mesma natureza: os dois lutavam por vontades de verdade. Foucault afirma que “somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercer o poder mediante a produção da verdade” (FOUCAULT, 2010). Portanto, no jogo pelo controle das populações, apesar dos dois atores serem membros do mesmo governo, ambos viam-se limitados pelo poder da verdade, ao sujeitar e ao serem sujeitados, visto que “[...] não existe algo unitário e global chamado poder, mas unicamente formas díspares, heterogêneas, em constante transformação. O poder não é um objeto natural, uma coisa; é uma prática social e, como tal, constituída historicamente” (MACHADO, 1979, p. X).

A disputa pelo discurso verdadeiro gera uma desorientação nos brasileiros. Mandetta, três dias antes de sair do cargo, diz em entrevista que a discrepância entre as orientações do Governo Federal e do Ministério da Saúde enfraquecia as medidas de combate à pandemia:

Eu espero que essa validação dos diferentes modelos de enfrentamento dessa situação possa ser comum e que a gente possa ter uma fala única, uma fala

⁹ O ESTADO DE S. PAULO, disponível em <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,mandetta-defende-ciencia-e-contrapoe-declaracoes-de-bolsonaro-sobre-covid-19,70003252120>, acesso em 05 de agosto de 2021.

unificada. Isso leva para o brasileiro uma dubiedade. Ele não sabe se escuta o ministro da Saúde, o presidente, quem é que ele escuta.¹⁰

Subjetividades são engendradas por discursos, e discursos são constituídos de subjetividades. O que observamos — e já relatamos — em nossa análise é que Bolsonaro alimenta uma subjetividade de desconfiança, de enfraquecimento do discurso científico, de banalização da crise sanitária e de relativização das mortes. A busca por essa reelaboração da realidade é uma característica da condução de condutas por Bolsonaro. O que é novo, em face à disputa com Mandetta, é que Bolsonaro tem com quem conflitar. Mesmo que nunca tenha publicamente tratado Mandetta como rival, suas falas não deixam dúvidas quanto a sua opinião acerca do ex-ministro — como quando o presidente afirma que quer desconstruir a suposta imagem de “herói” de Mandetta¹¹.

Tendo isso em questão, o presidente havia de menosprezar Mandetta e, portanto, seu discurso — que inclui, muitas vezes, o discurso da Organização Mundial da Saúde e de boa parte da grande mídia, duas instituições produtoras de subjetividades e tidas como inimigas por Bolsonaro. Em fala análoga à ideia de imunidade de rebanho, Bolsonaro diz: “É o que eu digo para vocês: o vírus vai atingir 70% da população. Infelizmente é a realidade. Mortes vão haver”¹². Ou seja, que milhões de pessoas irão morrer, tendo em vista a letalidade do vírus. Os que receberão esse discurso serão influenciados pelo chefe do executivo a não levarem medidas sanitárias a sério, num processo de subjetivação e objetivação. Um exemplo inicial é a manifestação pró-governo realizada no dia 15 de março de 2020¹³, que contou com participação de Bolsonaro e repreensão de Mandetta, que comentou: “É ilegal? Não. Mas a orientação é não. E continua sendo não para todo mundo”. Outro exemplo marcante é a ausência da máscara no rosto do presidente. Um levantamento de 2021 realizado pelo

¹⁰ Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral/brasileiro-nao-sabe-se-escuta-ministro-ou-presidente-da-republica-diz-mandetta.70003268753>, acesso em 08 de agosto de 2021.

¹¹ Disponível em <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/sinais-bolsonaro-vai-demitir-mandetta-ministerio-da-saude/>, acesso em 08 de abril de 2021.

¹² Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/equilibriosaude/2020/04/e-dai-lamento-quer-que-eu-faca-o-que-diz-bolsonaro-sobre-recorde-de-mortos-por-coronavirus.shtml>, acesso em 08 de agosto de 2021.

¹³ <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/apos-bolsonaro-apoiar-e-ir-a-protesto-ministro-da-saude-diz-para-todos-evitarem-aglomeracoes/>, acesso em 08 de agosto de 2021.

jornal O Estado de S. Paulo revelou que Bolsonaro não usa máscara em sete de cada 10 eventos em que comparece¹⁴.

Estão, dessa forma, delineados os discursos. Mandetta enquanto representante de um saber científico, Bolsonaro como catalisador de forças contra esse saber, ou insurgente corajoso. Ministério da Saúde enquanto interventor no mercado, ou criador de medidas de proteção contra o vírus. Governo Federal como defensor da liberdade individual, ou negacionista. São muitas as narrativas.

O Ministério da Saúde, enquanto instituição dotada tanto de mecanismos de controle disciplinar e de normalização, impôs normas sobre o corpo e sobre as populações a fim de combater a disseminação do coronavírus. Mandetta alcançou notoriedade ao comandar ações que tiveram efetividade no início da pandemia. As intervenções de Mandetta e a ascensão midiática do então ministro frustraram Bolsonaro, que queria que esse controle fosse feito de forma diferente, a seu modo. Mandetta, porém, é o contraponto a Bolsonaro em várias instâncias. Tendo isso em perspectiva, resta-nos mostrar de que forma, então, Mandetta inscreveu seu discurso conforme os preceitos da ciência frente à pandemia durante o período analisado.

Os enunciados do então ministro seguem um padrão que coincide com os preceitos científicos que circulavam à época, como o isolamento social e a diminuição na circulação. É o que pode ser visto em manchetes de diferentes veículos: “Brasil está ‘no começo’ e pode adotar medidas mais drásticas contra coronavírus, diz Mandetta”¹⁵; “Mandetta diz que isolamento social evitou disparada de casos no Brasil”¹⁶; “Após Bolsonaro participar de ato, Ministério da Saúde se opõe a aglomerações; Mandetta vê ‘equivoco’”¹⁷; “Vamos pagar esse preço ali na frente”, diz Mandetta sobre aumento na circulação nas cidades”¹⁸; “Uso da cloroquina pode levar a uma arritmia fatal, dizem técnicos do MS”¹⁹.

¹⁴ Disponível em <https://www.poder360.com.br/governo/bolsonaro-nao-usa-mascara-em-7-de-cada-10-eventos/>, acesso em 08 de agosto de 2021.

¹⁵ Disponível em <https://saude.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-esta-no-comeco-e-pode-adotar-medidas-mais-drasticas-contra-coronavirus-diz-mandetta,70003230224>, acesso em 24 de agosto de 2021.

¹⁶ Disponível em <https://oglobo.globo.com/brasil/mandetta-diz-que-isolamento-social-evitou-disparada-de-casos-no-brasil-1-24342239>, acesso em 24 de agosto de 2021.

¹⁷ Disponível em <https://politica.estadao.com.br/noticias/geral,apos-bolsonaro-participar-de-ato-ministerio-da-saude-volta-a-se-opor-a-aglomeracoes,70003234175>, acesso em 24 de agosto de 2021.

¹⁸ Disponível em <https://oglobo.globo.com/politica/vamos-pagar-esse-preco-ali-na-frente-diz-mandetta-sobre-aumento-na-circulacao-nas-cidades-24363694>, acesso em 24 de agosto de 2021.

¹⁹ Disponível em <https://www.diariodocentrodomundo.com.br/essencial/uso-da-cloroquina-pode-levar-a-uma-arritmia-fatal-dizem-tecnicos-do-ms/>, acesso em 24 de agosto de 2021.

Com base no saber advindo da ciência, Mandetta fundamenta o seu discurso para obter legitimidade nas ações que buscava empreender no comando do Ministério da Saúde, já que “o discurso nada mais é do que um conjunto de pensamentos que são oriundos de relações de poder entre os indivíduos, defendendo e legitimando as ideologias de quem as promove” (BORDIN, 2014, p. 228). Tais ações e discursos, no entanto, não se sustentaram ao longo do tempo no Ministério da Saúde. Prova disso é que em 17 de abril de 2020, um dia após a demissão de Mandetta, o diretor de programas de emergência da OMS, Michael Ryan, agradeceu a contribuição do então ex-ministro e pediu que os países baseassem suas ações em evidências²⁰. Menos de um mês depois, “Bolsonaro classifica OMS como ‘irresponsável’ na pandemia e alfineta Mandetta”²¹.

O papel da imprensa

O discurso é um fenômeno social, realiza-se por sujeitos sociais e produz sentidos sociais e coletivos. Especialmente quando recebe uma veiculação midiática, o discurso ganha projeções e propagações que pode possibilitá-lo a produção de sentidos por todo o território nacional. (LIMA et al., 2020, v. 10, p. 204)

Pudemos observar anteriormente como se deu, em parte, a tentativa de condução de condutas através de, basicamente, duas maneiras diferentes, em discursos díspares.

Sabendo que o jornalismo dispõe de elementos capazes de produzir verdades, objetivar sujeitos, apontar maneiras de ler o mundo; em suma: intervir socialmente através de seus mecanismos de poder, foi observado que, de modo geral, O Estado de S. Paulo, O Globo, Gazeta do Povo e Diário do Centro do Mundo estiveram quase sempre de um lado, embora divergissem na maneira de enunciar. Ao longo das 126 matérias contempladas pela nossa análise, poucas foram as que não levaram o discurso científico em consideração. Podemos aferir, então, que durante a crise do coronavírus no Brasil houve certo alinhamento discursivo entre ciência e imprensa? A nível de rigor científico, obviamente não, visto que quatro veículos não representam a totalidade do discurso

²⁰ Disponível em <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/17/e-essencial-que-nao-so-o-brasil-mas-todos-os-governos-tomem-decisoes-baseadas-em-evidencias-diz-oms.ghtml>, acesso em 24 de agosto de 2021.

²¹ Disponível em <https://ultimosegundo.ig.com.br/politica/2020-06-09/bolsonaro-classifica-oms-como-irresponsavel-na-pandemia-e-alfineta-mandetta.html>, acesso em 24 de agosto de 2021.

jornalístico; todavia, dada a proporção desses quatro veículos, é possível dizer que o jornalismo foi importante na construção de uma forma de ler o mundo de maneira mais científica. Não obstante, a respeito do jornalismo, não é apenas esse resultado que encontramos nesta pesquisa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Quando a proposta desta pesquisa surgiu, o país não tinha atingido nem mil mortes por Covid-19. No dia em que ela foi deferida, o Brasil havia acabado de ultrapassar a China no número de vítimas pelo coronavírus. Nessa mesma data, o presidente do Brasil dizia “E daí? Lamento. Quer que eu faça o quê?”²². O assunto da pesquisa avançava e se ramificava enquanto ela estava sendo realizada. Os acontecimentos cresciam, se bifurcavam, pendiam e se aglutinavam novamente. As perguntas feitas não foram de fato respondidas. Elas adquiriram novos sentidos conforme a pesquisa avançava. Afinal, assim o presente se constitui, conforme Foucault fundamenta em sua ontologia. Os resultados obtidos são pequenos feixes do hoje que, através da linguagem, podem mostrar um pouco do que se passou no Brasil nos últimos tempos.

Os acontecimentos fizeram esta pesquisa. Jair Bolsonaro quis que a economia fluísse e que tudo voltasse ao normal. Lançou mão de um discurso flagrantemente negacionista para conseguir o que queria — e mantém o mesmo até hoje. O ex-ministro Luiz Henrique Mandetta alertou que aquilo que Bolsonaro fazia era perigoso. A imprensa também manteve um discurso rigoroso em prol da vida.

Todos presenciamos o que aqui está exposto. Esta pesquisa surgiu de um incômodo, que foi aumentando conforme o estudo avançava. Começou com a morte de um conhecido de longe. Depois alguém do mesmo bairro. E, então, um vizinho. E, aí, um familiar. Ao final desta pesquisa, o Brasil totaliza mais de 580 mil vidas perdidas.

Com base nas formulações foucaultianas e na literatura advinda dela, pudemos observar como Bolsonaro realizou um recorte na população através do conceito de racismo de Estado, colocou a fluidez do mercado acima de medidas de controle sanitário,

²² Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2020-04-29/brasil-supera-china-em-mortos-por-coronavirus-admite-agravamento-da-crise-mas-bolsonaro-diz-e-dai.html>, acesso em 30 de agosto 2021.

criando um cenário de não-intervenção mercadológica típica do (neo)liberalismo, como evidenciava Foucault.

O controle de populações tentado por Mandetta, geralmente aliado à ciência, um instrumento de controle que cresce junto ao liberalismo — marco-inicial da biopolítica, para Foucault —, que foca tanto no indivíduo (através de, por exemplo, a disciplinarização de corpos decorrida da obrigatoriedade do uso de máscara) quanto em populações (vacinação ampla) engloba diversos conceitos tipicamente foucaultianos.

Junto aos veículos de mídia, esses personagens fizeram uso do discurso para objetivar práticas que são observadas até o presente momento e constituem o solo discursivo atual, que já possui alguns aspectos diferentes das tateadas por esta pesquisa. Por isso, é grande a necessidade de outros estudos em cima desse tema. O descortinamento de um Brasil pós-Covid-19 é uma tarefa imprescindível.

REFERÊNCIAS

ARTIÈRES, Philippe. Dizer a atualidade - O trabalho de diagnóstico em Michel Foucault. In: GROS, Frédéric (Org.). *Foucault: a coragem da verdade*. São Paulo: Parábola, 2004, p. 15-37.

BERNARDES, Célia Regina Ody. *Racismo de Estado: uma reflexão a partir da crítica da razão governamental de Michel Foucault*. Curitiba: Juruá, 2013.

BORDIN, Tamara Maria. O saber e o poder: a contribuição de Michel Foucault. *Saberes: Revista interdisciplinar de Filosofia e Educação*, n. 10, 2014.

FREITAS, Sara da Silva; BERG, Tábata. *Deixar viver, deixar morrer: biopoder e necropolítica em tempos de pandemia*. (Syn)Thesis, Rio de Janeiro, ano 2019, v. 12, n. 1, p. 76-86, 2020. DOI [https://doi.org/10.12957/\(syn\)thesis.2019.58549](https://doi.org/10.12957/(syn)thesis.2019.58549). Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/synthesis/article/view/58549>. Acesso em: 8 ago. 2021.

FOUCAULT, Michel. *Em Defesa da Sociedade*. Tradução de Maria Ermantina de Almeida Prado Galvão. São Paulo: Martin Fontes, 2010.

_____. *Nascimento da Biopolítica*. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martin Fontes, 2008.

_____. *Microfísica do Poder*. Tradução de Roberto Machado. 18 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

_____. *A Filosofia Analítica da Política*. In: FOUCAULT, Michel. *Ética, sexualidade, política*. Ditos e Escritos vol V. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

COSTA, Juliana; MAIA, Kênia. Legitimidade de fontes e opinião sobre coronavírus em O Grande Debate. *Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde*, v. 15, n. 2, 2021.

GOMES, Mayra Rodrigues. Jornalismo: poder disciplinar. Revista Kairós: Gerontologia, v. 12, n. Especial6, 2009.

LIMA, Carolina Maria Soares *et al.* *Necropolítica e biopoder nas estratégias de gestão da pandemia*. Revista de geografia, [s. l.], v. 10, ed. 2, p. 204-238, 2020. DOI <https://doi.org/10.34019/2236-837X.2020.v10.32503>. Disponível em: <https://periodicos.ufjf.br/index.php/geografia/article/view/32503>. Acesso em: 11 ago. 2021.

MACHADO, R. Por uma arqueologia do poder. In: MACHADO, R. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

RIBEIRO, Ana Paula Goulart e FERREIRA, Lucia Maria Alves. *Mídia e memória. A produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: MauadX, 2007.